

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO,  
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 235

**Assignaturas**  
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brasil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).  
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º ANNO

## INCOHERENCIAS

### FRAQUEZAS

Dizia o sr. Fuschini, na inauguração da escola Rodrigues de Freitas, no Porto, que a obra da democracia não deve ser apenas ensinar a lê e escrever; que a geração que os republicanos querem preparar só estará prompta d'aqui a 15 ou 20 annos e a continuarem as coisas como até aqui dentro em 10 annos não existirá o paiz; que o dever, hoje, é acompanhar a idéa salvadora venha ella de que homem vier. «Se vem do Bernardino, concluiu, vamos com o Bernardino. Mas se vem do Fuschini vamos com o Fuschini.»

Ora esta idéa salvadora vinda d'um homem é que nós não comprehendemos. Nem a comprehendendo o proprio sr. Fuschini. E dizemos que nem a comprehendendo o proprio sr. Fuschini por isso que, para elle, a idéa salvadora, em 1891, no momento em que os tribunaes de Leixões estavam ainda funcionando, era o rei.

Nós não queremos atacar a fundo, n'este instante, o sr. Fuschini. Porque, se quizessemos, não nos faltavam materiaes, e materiaes de sobra, para isso. Mas sempre diremos que o sr. Fuschini é homem que se não entende, e em politica democratica não se admittem homens que se não entendam.

Se os outros os admittem, não os admittimos nós. Não nos prendem conveniencias de qualidade alguma. Nunca subordinámos o nosso criterio ao criterio de ninguém. Nunca curvámos a cabeça a uma disciplina hypocrita, nem sujeitámos a consciencia a falsas convenções. Guiamo-nos, unicamente, pelo amor da verdade e dos principios.

O que pretende o sr. Fuschini? Comprehende-se o sr. Dias Ferreira. Comprehende-se o sr. Bernardino Machado. Compreendem-se todos, menos o sr. Fuschini.

O sr. Dias Ferreira é democrata dentro da monarchia. Segue a tradição do liberalismo constitucional, sem excessos palacianos e sem excessos jacobinos. Não se roja aos pés do throno, mas tambem não faz a cõrte ao jacobinismo. Fixou uma linha de conducta e d'ahi não sahe.

E' coherente, coisa rara n'esta terra.

O sr. Bernardino Machado foi tambem democrata dentro da monarchia. Seguiu a tradição liberal e n'ella se manteve, tambem sem desequilibrios nem excessos. Preferia a monarchia, se a monarchia fosse um elemento de progresso, se abrisse caminho, se desse margem á evolução. Viu que a monarchia se tornava um

embaraço, se convertia n'um elemento de retrocesso, e abraçou a causa republicana. Foi coherente. Foi logico.

Emquanto foi monarchico, não especulou com os republicanos. Sendo republicano, não especulará com os monarchicos.

Mas o sr. Fuschini? O sr. Fuschini é socialista, o sr. Fuschini é monarchico, o sr. Fuschini é o companheiro, é o commensal dos republicanos.

O sr. Fuschini entrou em negociações com os republicanos em 1890, andou mettido com elles, entendeu-se com elles, pelo menos. E na primeira quinzena de março de 1891, sem esperar, ao menos, que os tribunaes de Leixões se pronunciassem, exclamava na camara dos deputados que só havia um homem com força n'este paiz, e que esse homem não era nem José Luciano, nem Serpa, nem Lopo Vaz, nem Marianno. Que esse homem era o rei!

O sr. Fuschini collaborava, d'esta fórma, na obra do engrandecimento do poder real.

Mas não se ficou por ali.

Em resposta ao sr. Manuel d'Arriaga, e ao sr. Eduardo de Abreu, declarou,—algumas das suas mais graves afirmações não constam do *Diario das Camaras*, porque as cortou na revisão, mas lêem-se em todos os jornaes da epocha—que a fórma monarchica era a unica que convinha, n'aquelle momento historico, á nacionalidade portugueza; que um movimento republicano seria, fatalmente, a perda das colonias, um exercito hespanhol nas fronteiras, uma manifestação naval no Tejo. Invetivou os republicanos com a maior violencia, exclamando que era loucura d'elles imaginar que salvariam o paiz substituindo D. Carlos I hereditario por Manuel d'Arriaga electivo.

Isto é, falou a linguagem de todos os reaccionarios; a falsa linguagem de todos os especuladores e de todos os patrioteiros imbecis. N'um momento em que os republicanos, sujeitos ainda aos tribunaes de Leixões, atravessavam a crise mais dolorosa da sua vida politica! Sem ter a delicadeza necessaria, e que tiveram outros que nunca andaram mettidos com os republicanos, para aguardar melhor occasião, respeitando o infortunio.

Depois d'isso conferenciou com José Falcão, admittindo portanto a hypothese, tal era a sua falta de sinceridade, d'outra fórma rejeitaria, em absoluto, todas as conferencias e negociações, de que um movimento republicano poderia não ser a perda das colonias, poderia não ser um exercito hespanhol nas fronteiras, poderia não ser uma manifestação naval no Tejo. Depois de conferenciar

com José Falcão foi ministro. Depois de deixar de ser ministro voltou a viver de casa e pucarinho com os republicanos. E agora, sem seguir a fórma nenhuma o caminho nobre e altivo do sr. Bernardino Machado, exclama que a idéa salvadora ha de vir d'um homem, e que vão com o Bernardino se ella vier do Bernardino, mas que vão com o Fuschini, se ella vier do Fuschini!

E se ella vier do rei? Porque não hão de ir os republicanos tambem com o rei? Em 1891 a idéa salvadora vinha do rei. Era elle o unico homem que tinha força n'este paiz!

N'uma coisa tem o sr. Fuschini razão, em dizer que a obra da democracia não deve ser apenas ensinar a lê e escrever. Tem razão. A obra da democracia deve ser educar. E educar não é simplesmente ensinar a lê e escrever. E' moralisar pela verdade, pela razão, pela justiça. E' dar o exemplo constante da coherencia e da austeridade. E' não transigir com os vicios dos amigos, porque são amigos, e não transigir com os vicios dos inimigos porque são inimigos. E' não dar ao paiz o espectáculo da fraqueza, da impotencia, da condescendencia facil.

N'isso tem razão o sr. Fuschini. E os republicanos não educam, deseducam, não elevam deprimem, tratando os apostatas com a benevolencia com que os teem tratado e fazendo a cõrte ao sr. Fuschini, com os antecedentes que ficam referidos.

Não. N'isso não educam. Deseducam.

O sr. Fuschini reconhece que se enganou quando proclamava o rei a unica força d'este paiz? Reconhece que a monarchia é incompativel com os progressos do paiz? Declara-se republicano e os republicanos teem o dever de o acceitar com os applausos e com o carinho que é devido a um homem sincero, que confessa lealmente, honradamente, o seu erro, sinceridade, lealdade e honradez, que não se pôde pôr em duvida desde que esse homem vem combater ao lado dos perseguidos, ao lado dos opprimidos, ao lado dos vencidos.

Não se declara republicano? Quer experimentar ainda a monarchia? Não quer perder as vantagens, ou as commodidades da sua situação? Então não se misture com os republicanos. Não ande de braço dado com elles. Conserve-se liberal dentro da monarchia, mas reservado e áparte. E' um dever de honra para o sr. Fuschini e é um dever de honra para os republicanos. Dêmos ao paiz, por uma vez, o exemplo da seriedade, da firmeza de convicções, do respeito aos principios.

A idéa salvadora não está no

sr. Fuschini, não está no sr. Bernardino Machado, não está em homem nenhum. Está no exercicio e acatamento da virtude. Está no amor do trabalho, da economia, da liberdade, da verdade e da justiça. Está nos principios, emfim. Principios, inutil é contesta-lo ou nega-lo, que melhor se identificam com a republica do que com a monarchia.

Se os republicanos começarem ha muito por fazer a obra de que o sr. Fuschini desdenha, outros seriam, talvez, desde já, os nossos destinos.

A educação não exclue a revolução. Se os republicanos se houvessem dedicado, ha mais de vinte annos, desde que se organisaram em sério partido, a educar com zelo, com dedicação, com entusiasmo duradouro e persistente, talvez que a revolução estivesse mais perto do que parece estar n'este momento. E seria, em todo o caso, de resultados mais seguros. Mas ha vinte annos só se pensava em proclamar a republica, ápressa e sem trabalho. Como ha treze annos. Quanto mais depressa melhor! Como ha dez. Como hontem. Como hoje. Como amanhã. Venha um *Messias*. Venha a idéa salvadora. E nada de fazer um esforço. E nada de trabalhar.

Umavez o *Messias* é Marianno de Carvalho. Outras vezes é Oliveira Martins. Outras vezes é o rei. Outras vezes é João Franco. Outras vezes é Fuschini. Todos fiam a salvação dos outros. Ninguém a fia do seu esforço, do seu trabalho, da sua intelligencia. E uma patria assim não se levanta. E uma patria assim morre, ou vae-se arrastando moribunda.

Pobre patria!  
Pobre patria!

### Bernardino Machado

A recepção feita ao sr. dr. Bernardino Machado em Lisboa constituiu um verdadeiro acontecimento. Não nos devemos illudir com isso até ao ponto de julgar a republica prestes a triumphar. Quem se illude perde o tempo. Mas se os optimismos exaggerados prejudicam, não prejudicam menos os pessimismos por systema. E estaremos na verdade dizendo que a ovação feita na capital ao dr. Bernardino Machado indica que a opinião começa novamente a inclinar-se para os republicanos, e que os acolherá com decidida sympathia se elles se mostrarem, emfim, á altura do papel que na politica portugueza lhes está distribuido.

Elles que procedam agora com tacto e cautela, não se esquecendo da importancia extrema da sua nova tentativa. Se se desmancham outra vez, o que, aliás, é muito possivel, porque entre os republicanos ha muita rapaziada—até os velhos são meninos—está tudo perdido e perdido irremediavelmente.

Juizinho!

## INSTRUCCÃO SECUNDARIA

O sr. dr. João Pinto dos Santos pediu na camara dos deputados a reforma urgente da instrução secundaria, sendo acompanhado na imprensa pelo *Dia*, e não sabemos se por algum outro periodico. Mas o que o sr. dr. João Pinto dos Santos não disse, nem o *Dia*, nem ninguém o diz, é que a causa principal dos maus effectos da lei de instrução secundaria está na mandrice, na falta de zelo e na incapacidade da maioria dos senhores professores. E tambem na mandrice dos meninos, e na tolerancia, senão criminoso incitamento, concedida pelos papás aos mandriões.

Já temos manifestado aqui, por mais do que uma vez, a nossa opinião sobre este importantissimo assumpto. Não dizemos que o actual regime de instrução secundaria seja uma perfeição. Não é, e difficil é conseguir perfeições em casos de tal ordem. Mas a verdade, a grande verdade, é que os seus effectos não seriam maus se o professorado cumprisse o seu dever. E a verdade tambem é que podem á vontade reformar a lei, que os resultados hão de ser sempre deploraveis, enquanto não mudarem as condições moraes e mentaes dos professores.

Todos os paes, que trazem filhos nos lyceus, lamentam o abandono a que a maioria do professorado lança o ensino. Em primeiro logar uma parte numerosa d'esse professorado é de nomeação, e não de concurso. Conhecidos os habitos d'esta terra, escusado é dizer-se que não se nomeiam os mais competentes mas os que teem melhores empenhos. Ora uma instrução sujeita a professores nomeados por influencias politicas, por recommendações, por empenhos, ha de ser desgraçada, necessariamente.

Mas os proprios professores providos por concurso teem, em geral, os vicios profundos da nossa burocracia. Não se ralam. Quer dizer: não cumprem o seu dever. Uns não explicam as licções; outros explicam-nas com aborrecimento, com tédio, portanto sem aquelle poder suggestivo que dá calor á explicação, tornando-a proveitosa e util. Outros abrem a aula e fecham-na meia hora depois. Outros não explicam pelos livros adoptados e marcam notas más aos rapazes se não responderem pelas explicações, collocando os infelizes, que não teem sebtas nem meio facil de apañar as explicações, em talas infernaes.

E' certo que o regulamento marca penas severissimas para estas infracções. Mas a verdade é que tudo isso se faz impunemente. Os reitores, por si, não procedem, para não se indisporerem com os subordinados, que são amigos, compadres, correligionarios, parceiros, etc. Os paes não se queixam, para se subtrahirem ás vinganças, á tyrannia do professorado, que é a peor e mais perigosa de todas as tyrannias.

O sr. dr. João Pinto dos Santos sabe tudo isto, não o pôde nem o deve ignorar, se traz filhos no lyceu, como na camara declarou. E' de lamentar que o illustre deputado deixasse no escuro essa

cansa capital do mau aproveitamento dos alumnos.

Disciplinas em que os professores são bons, em que sabem, e tomam a peito cumprir honradamente o seu dever, porque em todos os lycens ha professores muito sabedores e muito dignos, os rapazes aproveitam. Disciplinas em que os professores são maus, os rapazes não aproveitam.

Se juntarmos á incuria, ao abandono, á estupidez ou ignorancia, á mandricia dos mestres a mandricia dos discipulos, teremos o motivo quasi exclusivo do effeito irregular da lei em vigor.

Surcedem-se feriados a feriados. Ha feriados a proposito de tudo. Feriados concedidos pela direcção geral de instrucção publica, feriados concedidos pelos reitores, feriados concedidos pelos professores. Achando pouco, a rapaziada pede feriados a toda a gente, ao rei, á rainha, aos ministros, aos reitores, ao rei de cá e a qualquer rei estrangeiro que passe por ahí, e n'isso são animados pelos papás, pelos padrinhos, por toda a indignidade e parvoçada indigena. O resultado é faltar o tempo para se dar a materia toda. Materia mal dada, mal explicada, mal estudada, o que hão de os rapazes saber?

Eis o mal, o grande mal. O grande mal é esse, que ha de subsistir, seja qual fór a lei, seja qual fór o programma, seja qual fór o regimen seguido. Ha de subsistir enquanto ministros, deputados, jornalistas, andarem a discutir se convém mais ou menos latim, mais ou menos physica ou chimica, mais ou menos historia ou geographia, em vez de atacarem com deaodo, com energia, com civismo o fundo da questáo.

Desde que Demolins, que nos ultimos annos se tornou um dos auctores mais lidos em Portugal, levantou em França a bandeira dos estudos práticos, proclamando a superioridade das linguas vivas sobre as linguas mortas, toda a gente desatou a pedir physica e chimica entre nós, a pedir francez, inglez e allemão para se falar e não para se ler, a zombar do latim, dos estudos classicos, das humanidades, indo n'este ponto mais longe, como é velho costume, em todos aquellos que imitam, do que o proprio auctor de *L'Education Nouvelle*, e d'outros livros em verdade dignos de nota. Ora isso tem muito que se lhe diga e, realmente, muito se tem dicto a tal respeito lá fóra. Não se resolve só pelo que diz Demolins ou pelo que diz outro qualquer. Mas faz-se ao menos, dentro da nossa lei actual de instrucção secundaria, e nos limites que ella permite, o que Demolins aconselhava? Isso isso! Demolins recommendava, por exemplo, que as linguas estrangeiras fossem ensinadas pelos estrangeiros, a exemplo, dizia, do que se praticava na Inglaterra, onde o francez era ensinado por francezes.

Em Portugal, o allemão é ensinado, em regra, por uns sujeitos, que sabem, ao todo, meia duzia de coisas em allemão e que n'essa lingua não pronunciam bem uma unica palavra. Rapazes e rapazes, que aprenderam a lingua allemã nos lycens de Portugal, não sabem absolutamente nada de allemão.

E os que fizeram exame para poderem seguir nos cursos superiores?

Uma vergonha.

Porque? Porque não se nomeia para professor d'allemão quem sabe, mas quem tem melhores empenhos. Em Portugal allemães, que não seriam, como professores, nenhuma maravilha, mas que sempre saberiam ensinar praticamente a sua lingua. A falta de allemães, existem ainda portuguezes com conhecimentos da lingua allemã e que não desdenhariam de a ensinar. Mas que, se o que vale são os empenhos?

Não saber nada de allemão é o menos. Quem protege? Eis tudo. E o que se diz do allemão, diz-

se do francez, e diz-se, até, do portuguez.

Ora desviem para ahí os nossos legisladores e os nossos jornalistas a sua atenção e serão mais uteis ao paiz do que gritando simplesmente contra a lei. De outra forma dir-se-ha que só pretendem derribar a lei porque ella difficulta o accesso dos meninos aos cursos superiores.

Nós admittimos que se reforme a lei para que se saiba mais e melhor. Para dar sabida facil e prompta aos meninos, isso não. Por esse lado Deus a conserve.

Se o mesmo Bismarck chegou a protestar contra o *proletariado intellectual*, se esta praga já chegou á propria Alemanha, se invade a França, levando pensadores e publicistas a erguer as mãos ao céu de horrorizados, façam idéa do que, para augmento das nossas desgraças, nos está reservado, se ainda mais se facilitar o accesso aos cursos superiores.

Misericordia divina!  
Misericordia divina!

«O POVO DE AVEIRO»

Aos nossos prezados collegas da imprensa republicana, Norte, Debate, Mundo e Resistencia agradecemos as palavras amáveis que nos dirigem a proposito do nosso anniversario.

Agradecemos ao nosso amigo sr. Antonio Martins as palavras de felicitação que nos enviou pelo nosso anniversario.

SOLDADOS  
ANALPHABETOS

Transcrevemos hoje o ultimo artigo da série que, com o titulo acima, *O Debate* publicou:

Hoje concluímos a transcrição do artigo de Olivier Sangiacomo, publicado na revista *Italia Moderna*. Depois, finalmente, poderemos referir-nos ao ensino litterario por companhias no exercito portuguez e apreciar a obra com tanto exito iniciada ha tres annos pelo sr. Homem Christo. É possivel que, depois de havermos reproduzido a opinião de um estrangeiro, os portuguezes façam justiça á obra d'um portuguez. Sabemos que a muitos não agrada que *O Debate* se occupe largamente da instrucção popular, como não agrada que trate de assumptos importantes como o das habitações baratas, a alimentação do povo, questões militares e questões de alta gravidade, como a da confusão dos dois erarios. Conhecemos, admiravelmente, o meio em que vivemos e não ignoramos quanta resignação é necessaria para supportar insolencias, insinuações, intrigas, calumnias e todas as infamias que recebe como premio quem sacrifica o seu futuro e o dos seus pelo interesse dos outros e por um elevado ideal. Sabemos tudo isso. Mas sabemos tambem que assim succedeu sempre e sempre se avançou um pouco. E por isso que, através de contrariedades que temos soffrido e estamos soffrendo, e de outras contrariedades maiores que sabemos ter de soffrer, não desanimámos nem desanimaremos. E, por meio d'este jornal, se elle durar, pela conferencia ou pelo livro, sempre defenderemos as idéas que temos defendido, certos de que a todos, por si ou por quem os represente ou lhes succeda, chega a hora da Justiça ou da desforra. Mas deixemo-nos de divagações, tanto mais que o que tehamos a dizer não poderá ser dito em um pequeno artigo de jornal e muito menos a proposito de assumpto bem diverso de que iam, por incidente, a afastar-nos.

Falemos da instrucção do soldado. Falemos dos processos praticos de combater o analfabetismo. Um dos meios a empregar é, já o dissémos, o do ensino por companhias. A doutrina, como se vê, não é só defendida em Portugal. É defendida, e com enthusiasmo, no estrangeiro. Assim o temos provado com o artigo da *Italia Moderna*, cuja conclusão é a seguinte:

«A escola elemental deve tornar a ser obrigatoria no exercito e a guerra contra o analfabetismo, por parte dos officiaes, tem de recommençar com patriótico ardor. Se o exercito, creado para a guerra, não pôde, permanentemente, funcionar como instrumento de guerra, mas tem de subsistir por causas politicas ao presente, impossiveis de remover, que se oriente de maneira a prestar ao paiz uteis serviços no sentido da paz, emprehendendo a tarefa, bem facil de atingir, da educação civica das massas incultas que todos os annos entram nas fileiras.

Torne o exercito a ser a *Escola da Nação*, o verdadeiro nucleo d'aquella unidade que uma legislação muito uniforme não pode obter. Em quarenta an-

nos de vida unitaria o Estado Italiano ainda não tornou sólidos os seus fundamentos. Sem se envolver na politica, forte sómente pelo seu sentimento de italianismo, o exercito deve defender a integridade do paiz para que este possa curar as feridas abertas no seu corpo e para que, curadas estas, possa, alentado por novas forças, voltar a viver uma vida elevada de Nação, entre as nações civilisadas.

O sentimento de italianismo ainda não firmou, sólidamente, as suas raizes; a consciencia nacional tem sido, até hoje, perturbada muitas vezes para que tenha podido, clara e rapidamente, tornar-se forte e inabalavel. E assim succede que, muitas vezes, o soldado entra no exercito, sem saber o que seja a Italia, elle que deve ser o seu principal defensor. Voltem, portanto, os officiaes a desenhar nas paredes da caserna o mappa da Italia, explicando-o aos soldados; voltem a apparecer os quadros com o analfabeto, as cartilhas, os cadernos; substitua-se, a tantas paradas e revistas inúteis, o ensino do analfabeto, a palavra viva e convincente do capitão e do official ensinando os ignorantes.

Que uma rajada de intelligente orientação moderna varra dos quartéis o pesadelo da rotina, e reacenda, na alma dos officiaes, a chama de um novo ideal. E aquellas que tem na sua mão o governo das coisas militares, animem, por todos os meios, este necessario regresso á obra civilisadora que não devia ter sido abandonada; e que não falte o auxilio moral e material a essa instrucção que só os dirigentes do exercito tem maneira de tornar obrigatoria e verdadeiramente proficua. Aquelle que, entrando no serviço militar, analfabeto, regresso á sua terra tendo aprendido a ler e a escrever; aquelle que em virtude da instrucção adquirida no exercito, ficar conhecendo os direitos e os deveres do cidadão, poderá exercer livremente esses direitos e comprehender a elevada significação d'esses direitos e comprehender a elevada significação d'esses deveres, e ha abençoar o tempo que passou no regimento, e bem dizer uma instituição onde não se ensina apenas a matar e a morrer, mas onde se aprenda tambem a viver uma vida mais elevada e mais nobre.»

Assim termina o artigo cujas considerações, linha por linha, podem applicar-se a Portugal. Razão tivemos quando affirmámos que o capitão sr. Homem Christo haveria de ficar satisfeito por vêr que a sua obra, iniciada ha tres annos, e tão combatida pelos seus compatriotas, era defendida por um estrangeiro illustre.

De tal maneira o artigo do escriptor italiano justifica tudo quanto tem feito o sr. capitão Homem Christo, que disse-ha ter sido elaborado por nós e attribuido a um estrangeiro só para lhe darmos maior auctoridade. Que ha gente para tudo n'esta boa terra, principalmente entre os... amigos.

Por isso não julgamos inutil dar estes esclarecimentos. O artigo que temos transcripto intitula-se: *L'analfabetismo nell'esercito e nel paese. La scuola della nazione*. É assignado a Olivieri Sangiacomo. Vem publicado na revista *Italia Moderna*, n.º 10. Anno—I—Serie—I—2.º Fascicelo di Novembre 1903. Direzione ed Amministrazione: Via Ludovica 35—Roma.

CHEIA

Vae uma grande cheia na nossa ria motivada pelos constantes aguaceiros e grande invernia que tem feito. A estrada da Barra é constantemente varrida pela maresia, motivo por que para alli só de carro ou de calça arregaçada até ao joelho se pôde ir.

Se as vivas continuassem teriamos tambem em breve de atravessar a praça do Commercio em barco.

Ninguém melhor que o sr. João Franco sabe da recepção que lhe foi feita em Aveiro. Ninguém melhor que s. ex.ª. O sr. João Franco teve occasião de avaliar de perto o seu partido em Aveiro e os seus partidarios tambem.

As impressões que d'aquí levou para Lisboa devem ser das melhores. Não ha duvida nenhuma. A lembrança de vir a esta cidade n'um domingo, e á noite, foi desastrada.

E tornamos a repetir muito a sério: ninguém melhor que o sr. João Franco sabe da recepção que lhe foi feita em Aveiro.

Com certeza que não levou muitas saudades d'aquí nem vontade de cá voltar tão cedo.

Ninguém o sabe melhor que s. ex.ª. Ninguém.

O governo tem oude ir buscar dinheiro, sem recorrer a novos impostos. Mas quem tem coragem para isso, exclamava ha dias *O Popular* a proposito do discurso proferido na camara pelo sr. Beirão?

Tomem nota da preciosa declaração. Não por não ser verdadeira. Mas por ser expressiva.

Ninguém tem coragem para arcar com illegalidades, com desperdicios, com esbanjamentos, com especulações e explorações de toda a ordem. Ninguém: *O Popular* tem razão. Escusa o sr. Beirão de fazer estenda de economias. O sr. Beirão, ou quer armar ao effeito, como João Franco, ou deixou-se arrastar por um nobre impulso de momento. As economias, os côrtes nos escaudalos que toda a nossa vida administrativa representa, são impossiveis.

Que fazer então?

Não nos compete a nós responder. O paiz que responda.

Ha de se resolver o caso com representações? A isso responde tambem *O Popular*, dizendo: «Representam estes, representam aquelles, representam aquell'outros. Assim como estes, aquelles e aquell'outros representam hoje, assim representarão hontem e representarão amanhã. É uma enfermidade tão epidemica como era a dos elogios funebres, como está sendo a dos réclames e como vae começando a ser a dos protestos... As representações de hoje são como as de ha 10 annos, como do tempo do bispo de Vizeu, e como se Deus quizer serão as de amanhã.»

Tem razão. Tem muita razão. Não se pôde escrever com mais verdade e com mais eloquencia. Isto não vae com representações e com protestos. Com que vae então? Não o diremos, porque não temos vontade nenhuma de dar um passeio até Timor. Já agora esperamos que o arrependido João Franco volte ao poder, o João Franco liberal, o homem que vae remediar os seus erros e os seus crimes, para o podermos dizer. Elle nos poz a mordaza, elle nos ha de tirar a mordaza. Tão certo como a alraa de José Estevão estar a abençoar-lo do céu!

Até lá, nem pio. Mas lá que não vae com representações e protestos, não vae. Ha dez annos, ha vinte annos, ha quarenta annos que se representa e que se protesta, como diz o sr. Mariano de Carvalho, e tudo cada vez a peor.

A engenhoca está montada d'esta maneira. O ministerio gasta á larga, em folias doidas, em paudegas rasgadas. Gasta os impostos que lançou, gasta os empréstimos que contrahiu. Quando já não tem dinheiro, recorre novamente ao empréstimo ou recorre novamente ao imposto. Se recorre ao empréstimo, o paiz não se importa. Ninguém se mexe. Mas se recorre ao imposto, surge as representações, os protestos, a berrata do costume. E o ministerio, que já conta com isso, o ministerio, que já cumpriu o seu quarto de sentinella, cabe.

Vem novo ministerio e diz: «Não ha duvida que é uma pouca vergonha recorrer a novos impostos. Protestámos, por isso mesmo, contra o governo transacto. Mas que quereis? O governo não nos deixou um vintem. Nós havemos de governar. E não temos com que governar. Então, tende paciencia. Não ha remedio senão deitar os tributos que o ministerio transacto queria deitar.»

E o paiz cala-se e conforma-se. Concorda gravemente que o ministerio novo tem razão. Apanhado o dinheiro, segue a paudega. Segue, segue, até ao ultimo real. Exgottado tudo, empenhados, até, os tarecos que restavam, o

governo recorre outra vez ao tributo. Novas representações, novos protestos, berrata em toda a linha, e o governo, que já cumpriu o seu quarto de sentinella, cabe.

Volta o outro, o que tinha feito o mesmo, o que tinha cahido por identico motivo, o que se associou ás berratas de momento, como o ministerio que cabe se tinha associado ás berratas de outr'ora. E diz, como o seu antecessor, com os mesmos ares graves e solennes, no mesmo tom de profunda sinceridade, capaz de commover as pedras, e de profunda convicção:

«Senhores, é realmente uma dôr d'alma recorrer a novos tributos. É uma infamia. Mas que quereis, se não temos um vintem? Não ha remedio. A culpa não é nossa, é d'esses que nos antecederam.»

E o paiz cala-se, e o paiz conforma-se, e o paiz, com a gravidade do costume, concorda que o ministerio novo, realmente, tem razão.

Assim vimos ha muitos annos. De maneira que *O Popular* diz bem quando escreve, zombando, que as representações de hoje são como as do tempo do bispo de Vizeu.

Isto não vae com representações. Isto não vae com banalidades. Ai d'aquelle que ameaçou um dia e não cumpriu a ameaça! Não só perdeu a força, como cahiu no ridiculo. Se quizer reacquirir a auctoridade e o respeito ha de recorrer a actos de... não dizemos, porque não queremos ir para Timor.

No domingo ha um comicio. Bella coisa. Mas, como diz o Mariano, a enfermidade tornou-se epidemica.

Não queremos dizer com isto que as palavras não pesam. Não é inteiramente exacto aquelle dictado: «cão que ladra não morde». Morde, morde. Muitos ladram e mordem a valer. A questáo está na forma de ladrar. Muitos ladram e a gente nem os ouve. Outros ladram de tal forma que, só de ouvi-los, se nos arripiam os cabelos.

Muitas palavras pesam. Pesam como chumbo. Fazem medo. É conforme se dizem e conforme quem as diz. Mas outras nem pesam, nem mettem medo, nem sequer incommodam. Ora preferem d'estas, são d'essa laia, quasi todos aquellos que protestam em Portugal.

Para que as palavras pesem, para que valham, para que tenham força, é necessario que aquelles que as dizem saibam o que dizem e sejam capazes de executar o que dizem.

Onde estão elles? Não ha.

Tomam café para escreverem um artigo ou preferirem um discurso. E cabem para o lado, exhaustos, logo que acabam de escrever ou falar.

Como todos os insignificantes, passam a vida a armar ao effeito. E quem arma ao effeito, nem mette medo, nem infunde respeito.

Não são sólidos. Não são homens, apesar de todos julgarem que o são. São meninos. Incapazes d'um grande esforço. D'um acto de tenacidade ou de força. Passam a vida a escolher, a architectar palavrinhas. E ficam cheios de gloria. Artistas! São artistas! Dantes chamava-se-lhes idiotas. Agora, dizem elles que são artistas!

Não escrevem um artigo de fundo, nem fazem um discurso por amor da verdade. É por amor da arte! Por isso mesmo não commovem, nem excitam. Deixam frios todos os que os ouvem e todos os que os lêem, se não fazem rir.

Não nos dão a impressõ viril do rachador de lenha, de machado em punho. Dão-nos a impressõ do menino que brinca com barcos de papel.

Como já disse na ultima carta, a resistencia, que á ultima hora se apregoa, poderia ser intensa e sólida se de ha muito se tivess-

feito uma corrente de opinião contra o estado de miseria em que se encontra o cidadão portuguez. Quem quiz saber d'isso? Quem descen a estudar essas questões? Fez-se arte. Isto é, disseram-se banalidades ou baboseiras.

Então agora apanhem a troça do Marianno, que passa a vida a explorar, e, depois, a zombar.

E' justo. E' esse o destino, sempre foi, de todos os insignificantes.

A. B.

Continua aguardando o leito o nosso amigo sr. Joaquim Ferreira Felix e sua unica filha Micas Augusta.

Segundo informações de ha pouco, sabemos que vão um tanto melhor, com o que nos congratulamos.

O nosso amigo tem sido muito visitado e muitos cavalheiros e senhoras se tem dirigido ao seu estabelecimento commercial a saber do seu estado de saúde e de sua interessantissima filha.

Phylarmonica Amizade

Na festividade da Apresentação fez-se ouvir a orchestra da phylarmonica Amizade, que executou com inexcusable desempenho, o programma da festa que lhe estava confiado.

Houza, pois, ao seu regente, sr. João Pinto de Miranda e todos os mais auxiliares, que se esforçam por fazer sobressahir tão distincta collectividade.

APOSTATAS

Em 1892, em vespas d'uma eleição geral, foi distribuido n'esta cidade, com o titulo de Manifesto do partido republicano de Aveiro, um papel em que se lia o seguinte:

CIDADÃOS

O partido republicano de Aveiro resolveu ir á urna pelo illustre jornalista João Pinheiro Chagas, que os tribunaes da monarchia injustamente degradaram para a Africa, como cumplice na revolução de 31 de janeiro.

Cidadãos! As proximas eleições tem uma alta significação na historia e nos destinos do nosso paiz. Votar nos candidatos monarchicos equivale a apporvar e a sancionar todas as torpezas, todos os desatinos, todas as imprudencias que determinaram a temerosa crise a que chegámos.

E' preciso, se o paiz não quer cahir no abismo aberto pelos crimes da politica monarchica, é mister protestar perante a urna contra a continuação de tantos desvarios, e mostrar bem alto que nem todos os portuguezes assistem indifferentes a esta medonha dissolução que nos approxima da ruina inevitavel se não possuímos a energia de sacudir violentamente do poder os homens que nos conduziram á situação vergonhosa a que chegámos.

Da monarchia e dos partidos que a sustentam nada ha a esperar. Desde o ultimatum da Inglaterra, a monarchia deixou de estar identificada com o sentimento nacional; e as torpezas commettidas á sombra d'esta instituição acabaram de todo com algum prestigio tradicional que ainda poderia ter.

Os partidos monarchicos, divididos, sem programmas, sem ideias, sem dedicações, depois de arrastarem o paiz á crise actual, abandonaram covardemente o poder, conscientes de seus crimes e de seus erros, e impotentes para tomarem a responsabilidade da situação que crearam.

E que haveria ainda a esperar d'estes partidos se os seus homens mais eminentes pertencem a syndicatos que nos tem explorado, e são directores ou administradores de companhias e empresas poderosas? E que confiança podiam ainda inspirar esses homens dos quaes uns se tem distinguido pelo servilismo e subserviencia á corôa, e outros se tem manchado com torpezas e traficâncias? A confiança na honestidade e no patriotismo d'um politico monarchico desapareceu absolutamente. O paiz não crê nem na monarchia nem nos seus serventuarios.

Esperar das actuaes instituições a liquidação de tão graves responsabilidades, e a condemnação dos homens que maior responsabilidade tem na nossa ruina, seria uma ingenuidade desmentida pelos factos. A camara dos deputados não acha fundamento para o procedimento criminal contra um ministro accusado pelos seus proprios collegas de ter desviado os dinheiros do Estado em proveito de empresas particulares. A camara dos deputados procedeu logicamente, porque accusando esse ministro, condemnava-se a si, e condemnava todos os ministros da monarchia. A camara dos pares absolveu um par do reino accusado de ter traficado com o dinheiro dos bancos, e de ter levado a miseria a muitas familias. Assim devia ser. Os pares foram correctos e logicos.

Em presença d'esta crise e d'esta anarchia moral, favorecida pelas instituições monarchicas, pertence ao partido republicano portuguez protestar contra esta politica indecorosa, e ao mesmo tempo preparar-se para a pesada e difficil herança que lhe lega a monarchia, incapaz de resistir ao peso de seus erros.

A' urna pois cidadãos! Não podemos vencer perante a colligação e os accordos torpes dos partidos monarchicos; mas cumprimos o nosso dever de patriotas, protestando com o nosso voto contra a corrupção dos que tem compromettido o futuro e preparado a ruina da nossa patria.

Ludibriados no estrangeiro que nos considera um paiz morto e incapaz de reacção; espoliados dos nossos dominios colonias que a monarchia não soube nem pode defender; victimas da nossa indifferença e da nossa inercia que tem consentido na continuação de tantos desvarios; sem credito nos mercados europeus; sem moralidade na administração; sem justiça na repartição do imposto; sem garantias contra os grandes criminosos; com um parlamento que abdica dos seus direitos; com uma camara alta que absolve os que espoliam os cofres das empresas particulares; com um deficit sempre crescente; continuamente illudidos e enganados pelos especuladores da politica; é indispensavel, é tempo de nos levantarmos com energia contra a politica dominante, se não queremos ser levados ao abismo aonde nos tem impellido.

Votar nos candidatos monarchicos é votar pela continuação dos mesmos erros, da mesma politica indecorosa e torpe; é sancionar a nossa ruina, é consentir na perda da nossa autonomia.

Votar no candidato republicano é protestar contra os erros que nos arruinaram, contra os crimes que nos conduziram á beira d'um abismo d'onde os caudillos monarchicos confessam não nos poder desviar.

Votar no candidato republicano é desejar uma politica honesta e levantada, uma administração séria e digna, um regimen economico e honrado.

Votar nos candidatos monarchicos é votar pela ruina da nossa patria e pela perda da nossa independencia; votar no candidato republicano é aspirar á regeneração d'este desgraçado paiz, á felicidade de nós todos, ao respeito e consideração pelo nome portuguez.

Cidadãos! Não ha lugar para hesitações!

A' urna, pois, por João Pinheiro Chagas.

Quem foi o auctor d'este manifesto? Quem o escreveu?

E' claro que Domingos José dos Santos Leite, e outros que são hoje francaccos, pensavam como o auctor do manifesto. Não foi, porém, Domingos José dos Santos Leite quem o escreveu.

Quem foi? O nome do auctor appareceu varias vezes citado no Artista como o d'um correligionario dedicadissimo e leal.

Como correligionario dedicadissimo e leal figurou em commissoes republicanas eleitas pelos homens do Artista.

Como correligionario dedicadissimo e leal collaborou no mesmo Artista.

Quem foi? Vamos a ver se alguém adivinha e se alguém responde.

Seria engracadissimo que o mesmo que via então todos os perigos na monarchia visse agora todos os perigos na republica.

Vamos a ver, vamos a ver. Alguem ha de adivinhar e alguem ha de responder. Entretanto fica de reserva os numeros do Artista, que não podia ter servido sómente para nos injuriar.

Bem certo é o dictado: guarda o que não presta, que acharás o que te é preciso.

Musica no jardim

O programma que a excellente banda do 24 executou hoje no jardim publico da 1 ás 3 da tarde, se o tempo o permittir, é o seguinte:

Ordinario. «Huguenotes», selection da opera (Meyerberer). «Elvira», mazurka (\*\*\*) «L'arlesienne», selection (Bizet). «Raymond», ouverture (Thomas) «Le Retour du Printemps», suite de walsas (Waldteufel). Ordinario.

DECLARAÇÃO

Um membro da Velha Guarda, empregado no Theatro Acreuse, encontrou no mesmo theatro um objecto pretencente a um gallito, o qual lhe será entregue dando os signaes certos e provando que lhe pertence. —F. F.

lembranças de minha sogra, meu sogro foi mandado embarcar n'uma náu de quatro peças, da qual se arvorára almirante um francez chamado Le-grand, o mais temivel fibusteiro d'aquelles mares. Antonio de Sá curou muitos mutilados n'uma abordagem aos galeões de Hespanha, e, pela pericia com que o fez n'um grave ferimento de Le-grand, ficou desde logo nomeado escravo e medico do almirante. Meu sogro assistiu ao assalto de Maracabo, riquissima cidade e bem guardada, que se deixou entrar e saquear por quatrocentos saiteadores.

Tambem assistiu á tomada de Cartilaga pela esquerda franceza, auxiliada por fibusteiros, que lhe deram a victoria.

No afogo d'esta peleja, Antonio de Sá, quando estava pensando as feridas do seu senhor, foi gravemente ferido de bala. A convalescença foi longa. N'este intervalo, em que elle se tornára inutil, pediu licença para

RECREIO ARTISTICO

Com uma impençia poucas vezes vista n'este gremio, realison-se alli na noute de segunda para terça-feira um baile promovido pelos socios da casa, que assim iniciaram este anno, e com chave de ouro, os passatempos a que os estatutos lhes dão direito.

Não é facil de calcular o enorme entusiasmo que «lli reinou desde que começou a primeira walsa até que terminou a ultima masurka. Mas para que façam uma pequena ideia do que foi, basta dizer-se que o baile terminou ás 6 horas da manhã do dia seguinte.

Velhos amigos nossos, a quem sempre temos ouvido condemnar este alegre passatempo, os vimos cheios de entusiasmo a dar á perna como qualquer bon vivant a quem as suas 20 primaveras fizessem escaldar o sangue nas veias.

E' por que tudo alli era tentador e atrahente, desde a boa harmonia e fraternidade que reinava em todos, até á decoraçáo da casa, que estava primorosa.

Ao fundo da sala erguia-se entre arbustos e plantas o estrado da orchestra, que semelhava um verdadeiro jardim de flores, pela encantadora disposição em que tudo se encontrava.

A assistencia era numerosissima, predominando o elemento operario, de que aquella associação está hoje quasi exclusivamente composta, não comprando o vasto salão os pares que dançavam e tendo de o fazer á vez para que todos tomassem parte na festa. Do contrario era impossivel.

Os vivos ao «Recreio Artistico», á «Velha Guarda» e ás «Tricanas d'Aveiro» eram sem numero e todos delirantemente correspondidos. O entusiasmo chegou, por vezes, a tocar as raias do delirio.

Enfim, n'uma palavra, uma festa intima que a todos deixou saudades e que ha-de ser lembrada por muito tempo.

Entre as formosas tricanas que alli vimos lembra-nos as que seguem, algumas das quaes se apresentaram envergando trajes a costume e vestindo com irreprehensivel elegancia e distincção: Candida Augusta dos Santos e Beneficta Augusta dos Santos, trajando de clovs de circo; Amantina da Conceição, de andaluz; Creusa de Sá, parodiando a senhora de papel pendente da cintura e muitas outras em pequeno ponto dispersas pela saia de seda; Candida Duarte e Angelica Gomes, a hespanhola; Carolina Martins, envolvida em papel de seda recordado; Bertha Vieira, trajando á lavradeira e com diversos disticos allusivos á eleição de 14 de janeiro; Maria d'Apresentação, vestindo ricamente á antiga; Egypta Salgado, apresentando um bello typo de toureiro e trajando a rigór; Maria do Carmo Vieira da Silva, vestindo bellamente á camponeza e com utensilios de lavoura em miniatura enfeitando-lhe o chapéu; Aida Alleluia e Maria da Luz Henriques, trajando á hespanhola; Maria de Bastos, á lavradeira; Maria da Conceição Silva, á hespanhola; Maria da Felicidade Ferreira apresentou-se como uma verdadeira camponeza se apresentaria em festa rija lá do logar. Só com a differença que os corações que ella prendia é que não eram labregos: Esmeralda Salgado, de japoneza; Luz Salgado, de varina, e ainda muitas outras de quem não nos occorre agora os nomes.

Alem das tricanas que se apresentaram com costumes tambem alli vimos as meninas: Regina d'Oliveira Faria, Albertina d'Apresentação Carvalho, Maria e Aurora Rocha, Maria Rosa Aurelia, Maria Emilia da Silva, Celeste Martins, Maria da Gloria, Besedeia Salgado, Maria das Dores Bibiana, Conceição Henriques, Luiza d'Oliveira Alleluia, Eduarda Assumpção Ferreira, Ascenção Carvalho Picado, Thereza de Jesus Vieira, Maria Ernestina Ferreira, Maria do Carmo Valente d'Almeida, Maria Leopoldina Silva, Isaura Ferreira, e ainda outras que tambem nos não lembra mas a quem pedimos desculpa pela involuntaria omisção.

Alguns socios apresentaram-se tambem vestidos a caracter, salientando-se o sr. Paula Graça que trajava de Velha Guarda, com casaca agaloada e longos

bicos, botas de montar e bonet de grandeiro, pendendo-lhe da cinta uma enorme espada de cavallaria; e Julio Rodrigues da Silva, trajando de palhaço indiabrado mas com muito chiste.

Era tambem nosso desejo apresentar o nome dos cavalheiros que assistiram a tão sympathica e brilhante festa, mas a falta de espaço d'isso nos inhihi.

Pelo sr. Eduardo Coelho da Silva foi offerecida uma gallinha assada para ser rifada em beneficio da Caixa de Soccorros, o que se fez, rendendo ainda um bom par de tostões.

Para a Serração da Velha projecta-se uma mi-carême, que nos dizem será tambem esplendorosa. Oxalá que sim e que não desmereça da festa de segunda-feira.

A proposito d'esta florescente associação local tem-se falado para ahi ás estopinhas, como vulgarmente se costumava dizer. E como a mór parte das vezes nem sempre se diz tudo e se falta á verdade, será bom dizer-se que ha poucos dias a esta parte tem dado entrada n'aquella casa de recreio para cima de sessenta socios e espontaneamente se estão propondo muitos mais. A actual direcção não se poupa a esforços para a engrandecer e tornar digna do bom nome que tem. Como é sabido, tracta ella agora do bazar para 19 de março, e a seu pedido acaba de receber d'um philanthropico cavalheiro de Lisboa as seguintes obras que veem acabar de inriquecer a sua já vasta bibliotheca: «O Carácter», «Advertencias ás Mães», «O Dever», «Advertencias ás Mulheres Casadas», «Sê Poupado», «Deveres para com os animaes», «A Alimentação», «O que ha a fazer em caso de accidente», «Educação physica», «Doenças infectiosas», «Maneira de ter uma casa saudavel», e «Primeiros passos para a temperança».

Todas estas obras são tradusidas do allemão e do inglez, pelo sr. Alberto Telles.

MAK RÃO.

Em serviço de cobrança esteve segunda-feira n'esta cidade, o sr José Gonçalves Teixeira, empregado do commercio no Porto.

Semana Illustrada

Sempre interessante, com artigos litterarios de valor, cheios de curiosidade e relativos a assumptos da actualidade, acaba de sair o n.º 11 da SEMANA ILLUSTRADA, revista litteraria e artistica de merecimento, a primeira que, pela nitidez e belleza das suas gravuras e pelo seu formato, em oito paginas impressas em magifico papel, uma das quaes é destinada a bellas composições musicas outra ás ultimas novidades da moda, e duas a um romance que formará um elegante volume, é a primeira publicação que, no genero, se publica no paiz, por um preço insignificante—20 REIS CADA NUMERO.

O presente numero traz, além d'um magifico typo de belleza, o retrato da intelligente actriz Medina da Souza.

A pagina destinada a modas é, esplendida, assim como a pagina da musica.

A SEMANA ILLUSTRADA é, pois, uma publicação não só baratissima, mas ao mesmo tempo util, interessante e agradável, o que a torna recommendavel.

Assigna-se na rua do Diario de Noticias, 109, 1.º

PUBLICAÇÕES

Carestia da vida nos campos, carta a um lavrador, por Bazilio Telles.

Na livraria Chardon, proprietada dos nossos correligionarios Lello & Irmão, recebemos, com o titulo acima, um volume de mais de 400 paginas, devido á penna de Bazilio Telles, o admiravel publicista republicano.

Vamos ler com attenção e d'ello falaremos detidamente.

A Comedia da Lili, por D. Anna de Castro Osorio.

Faz parte este livrinho da Bibliotheca da publicação para as crianças e é o 1.º do Theatro Infantil.

A auctora da comedia é uma senhora já muito conhecida pelo seu talento e pelo seu largo e nobre espirito de educadora da infancia. N'um paiz em que todos desprezam o grave problema da educação, não merecem senão louvores os raros obreiros do progresso que de longe em longe apparecem. E quando é uma senhora, sabendo se quanto é futil e vasio o espirito da mulher portugueza, redobra a estima e o reconhecimento de quantos apreciam ainda as tentativas de reconstituição da patria portugueza.

Os nossos agradecimentos pela offerta que gentilmente nos foi feita.

Notas alegres

N'um exame de geographia: — Aonde fica a Suissa? — Ao lado do bigode.

FOLHETIM CAMILLO CASTELLO BRANCO O OLHO DE VIDRO (Romance historico)

XII Historia de Antonio de Sá Quando os hespanhoes da illa de S. Domingos deram tento dos salteadores nas visinhanças das illas, tiraram-se da lethargia de suas riquezas, pediram tropas ao rei de Hespanha e fizeram guerra implacavel aos fibusteiros, matando-lhes muitos dos mais audazes. D'este começo de exterminio se gerou o odio dos bandidos á Hespanha, e mais ainda por causa do golpe mortal que soffreram, quando as tropas entraram ás mattas, e mataram os rebanhos mansos e bravos, e o mesmo foi seccar as fontes de subsistencia d'aquellas hordas. Eis

(Continúa.)

**Bibliotheca HORAS ROMANTICAS**  
 Collecção de obras litterarias e scientificas notaveis, dos melhores auctores antigos e modernos, nacionaes e estrangeiros  
**GRH RÊIS CADA VOLUME**  
 ROMANCE, POESIA, THEATRO, ARTE, HISTORIA, CRITICA  
 Edições esmeradamente revistas, traducções confiadas aos melhores escriptores, obras de auctores antigos e contemporaneos  
**PUBLICAÇÃO MENSAL AOS VOL. DE 160 A 200 PAG.**  
**100 réis o volume**  
**Cada pagina de leitura por menos de um real**  
**IDÉA E FINS DA PUBLICAÇÃO**

O fim d'esta publicação é o de concorrer para que o povo portuguez conheça a sua litteratura e a dos outros povos, por meio da vulgarisação d'obras primas tornando-as familiares e accessiveis a todos. De nenhum outro modo poderia a Bibliotheca Horas Romanticas conseguir este seu principal objecto, que não fosse o de se facilitar ao alcance de todas as fortunas, pelo seu preço baratissimo.  
 A Bibliotheca Horas Romanticas publicará de cada auctor, o mais selecto, o melhor, o que é indispensavel ser conhecido. O seu formato será elegante, commo e portatil. Abundantissima a leitura de cada volume. A sua barateza inexcusable.  
 E' nosso empenho conseguir que a Bibliotheca Horas Romanticas seja tão instructiva como delectosa; que os seus livros possam chegar ás mãos de todos constituindo em todas as familias e em todas as corporações associativas uma encyclopedia consoladora, a qual todos estimem e tragam frequentemente manuseada. Os volumes da nossa Bibliotheca offereceão a facilidade de serem lidos durante os ocios das diversas occupações quotidianas de cada leitor. A Bibliotheca Horas Romanticas será uma collecção preciosa de verdadeiras obras primas.

**VOLUMES PUBLICADOS**

N.º 1 a 8.—«Quo vadis?» por Henry Stenckevicz.—N.º 4.—«Vida e aventuras de Lazariho de Tormes», por Diego Hurtado de Mendoza e H. de Luna.—N.º 5.—«Eulalia Pontois», por F. Soulié.—N.º 6.—«A amoeira fatal», por E. Berthel.—N.º 7.—«O Senhor Eus», por Salvatore Farina.—N.º 7a e 7b.—«O fogo», por Gabriel d'Annunzio.—N.º 8.—«Caricias d'uma noiva», Bjornstjerne de Bjornson.—N.º 9.—«Palavra de soldado», por Joigo Elwall.—N.º 10.—«A pelle do Leão», por C. de Bernard.—N.º 11 a 13.—«A morte dos Deuses», por Dmitry de Merejkowsky.—N.º 14.—«A corda do carrasco», por Petrosi.—N.º 15.—«Idyllios á beira d'agua» (2.ª edição), por Alberto Pimentel.—N.º 16.—«Terras malditas», por V. B. Ibanez.  
 Remette-se qualquer d'estes volumes, FRANCO DE PORTE, a quem enviar a sua importação á «A Editora» (antiga casa David Corazzi)—Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

**Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.**

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de couros, em lão todas as segunda-feiras ao meio dia, em lotes correspondentes á matança de cada dia.

As condições estão patentes no acto da arrematação.

Venda de sebo, tripa, sangue secco para adubos, esturme, etc.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

**ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E FERRAGENS**  
 — DE —  
**ANTONIO FERREIRA FELIX,**  
 Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estandadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alviadas, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO

**METHODO JOAO DE DEUS**

**Cartilha Maternal ou Arte de Leitura**, (1.ª parte) approvada pelo governo, 16.ª edição, br. 200 réis; cart. 300 réis.  
**Deveres dos Filhos**, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br., 200 réis, cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.  
**Album**, ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 5\$000 réis.  
**Quadros parietaes**, ou as mesmas lições da CARTILHA MATERNAL em 35 cartões, preço, 6\$000 réis.  
**Arte de escripta**, nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.  
**O Methodo de escripta**, vende-se aos CADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

**A Cartilha Maternal e o Apostolado**, (celebres polemicas sobre questões de pedagogia), 1 vol. de 280 paginas, preço 500 réis.  
**A Cartilha Maternal e a Critica**, methodo de João de Deus, com prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 500 réis.  
**Prosas**, Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis  
**Campo de Flores**, Braga, um elegante volume de 525 pag., com dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

**Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.**

**Guia theorico e práctico de Cartilha Maternal**, (obra Indispensavel aos que ensinam a lêr pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.  
**Os altos principios do Methodo de João de Deus**, 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.  
 Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem terão descontos especiaes.

**Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus, Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.º—LISBOA.**

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

**MAIS UM TRIUMPHO!**

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVAO—79

**RUDIMENTOS DE AGRICULTURA**  
 POR  
**ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO**  
 LIVRO APPROVADO NO ULTIMO CONCURSO PELA DIRECÇÃO GERAL D'INSTRUCCÃO PUBLICA  
**PREÇO PELO CORREIO, 280 RÊIS**  
 A' venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na  
**CASA EDITORA LIVRARIA AILLAUD**  
 Rua do Ouro, — 242-1.º LISBOA

**Aos agricultores**

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em saccas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que for applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submeter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

No mesmo estabelecimento tomam-se encomendas e «marés» de junco.

**LIVRO COMMERCIAL**  
 TRATADO DE CONTABILIDADE

Pelo guarda livros RICARDO DE SÁ  
 Chefe da contabilidade do Banco Nacional Ultramarino. Ex-professor proprietario da 5.ª cadeira do Atheneu Commercial de Lisboa Perito ante os tribunales Commercial e Civil. Publicista

E' sobejamente conhecido em todo o paiz o nome do auctor para que precisemos recommendar o valor d'esta obra, indispensavel ao commercio e á industria em geral.

Esta obra compôr-se-ha approximadamente de 50 fasciculos de 16 paginas a 70 réis.

Assigna-se na «A EDITORA», Largo do Conde Barão, 50—LISBOA; e no Porto, na Livraria Chardron de Lello & Irmão, Rua dos Clerigos, 96 e 98, e em casa de todos os seus agentes das provincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fasciculo specimen a quem o requisitar.

**Sapataria Marques d'Almeida & Irmão**

N'ESTA acreditada sapataria, sita aos Arcos, ha sempre excellente calçado feito, tomando-se tambem encomenda por medida. Pela segurança da obra e pela boa qualidade dos cabedales se responsabilizam os annunciantes.  
 Eguualmente garantem a todos a modicidade de preços.  
**Vêr para crêr**

**A NOVA PHASE**

DO  
**SOCIALISMO**

POR  
**JOÃO DE MENEZES**  
 A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.  
**Preço 300**

**BAGAÇOS ALIMENTARES**

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

TYPOGRAPHIA DO POVO DE AVEIRO  
 Aceba de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encarregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.  
**Especialidade em cartões de visita**

**DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA**

DA ACREDITADA FABRICA

**“PFAFF,”**

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

- A machina «PFAFF» para costureiras.
- A machina «PFAFF» para alfaiates.
- A machina «PFAFF» para modistas.
- A machina «PFAFF» para sapateiros.
- A machina «PFAFF» para seleiros.
- A machina «PFAFF» para corrieiros.
- A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambrãia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.  
 A prestações e a dinheiro com grandes descontos.  
 Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.  
 Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.  
 Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente.  
 Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS